

**PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO CENTRO CULTURAL
CARMÉLIA MARIA DE SOUZA E ENTORNO**
***PROJECT TO UPGRADE AND EXPAND THE CARMÉLIA MARIA DE SOUZA
CULTURAL CENTER AND ITS SURROUNDINGS.***

Damarys Letícia Christ de Freitas¹

Frederic Michael Favre²

Makele Silvia Nascimento³

João Lemos Cordeiro Sayd⁴

Anna Karine de Queiroz Costa Bellini⁵

Lilian Dazzi Braga Rupf⁶

RESUMO: O projeto tem como objetivo a elaboração de um complexo cultural abrangendo o edifício existente do Centro Cultural Carmélia, atualmente desativado, e seu entorno. Idealizou-se um edifício pré-existente a fim de preservar a sua volumetria, a fachada e o teatro italiano já existente e assim, ampliar o espaço modificando sua estrutura interna e adaptando-a às normas, além de reorientar a circulação para reposicionar a simetria. Para o edifício do centro socioeducativo e centro de exposições de arte proposto, procurou-se estabelecer um equilíbrio com o entorno, com objetivo de manter todo o ambiente sempre em uso. O desnível do terreno separa os espaços, mas o prédio conecta os espaços da cultura e do centro de exposições com o bairro, por meio de escadas que ligam os níveis.

Palavras-chave: Projeto Arquitetônico; Teatro; Centro Cultural; Revitalização arquitetônica.

ABSTRACT: The project aims to create a cultural complex encompassing the existing building of the Carmélia Cultural Center, currently deactivated, and its surroundings. A pre-existing building was idealized in order to preserve its volumetry, the façade and the existing Italian theater, and thus expand the space by modifying its internal structure and adapting it to the standards, as well as reorienting the circulation to reposition the symmetry. For the proposed socio-educational center and art exhibition center, the aim was to establish a balance with the surroundings, with the aim of keeping the whole environment in constant use. The unevenness of the terrain separates the spaces, but the building connects the cultural spaces and the exhibition center with the neighborhood by means of stairs that link the levels.

Keywords: Architectural Project; Theatre; Cultural Centre; Architectural revitalization.

¹ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. E-mail: damarysc.freitas@gmail.com.

² Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. E-mail: f.favre@proton.me.

³ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. E-mail: makele.arqurb@gmail.com.

⁴ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. E-mail: jsayd@salesiano.br.

⁵ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. E-mail: abellini@salesiano.br.

⁶ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. E-mail: lilian.rupf@salesiano.br.

1 INTRODUÇÃO

O Centro Cultural Carmélia foi criado em 1986 pelo governador Gerson Camata. Apresenta espaços amplos, incluindo um teatro, cinema, salas de exposição e entre outras atividades, foi um dos espaços de referência para a cultura capixaba por décadas, recebendo atrações nacionais em uma época de entusiasmo pelos movimentos sociais e culturais diante da redemocratização do país. O nome do Centro Cultural localizado no bairro Mário Cypreste, é uma homenagem à cronista capixaba Carmélia Maria de Souza, que abriu portas para as mulheres escritoras no estado. Uma mulher negra, pobre, autodidata, interiorana que escrevia textos sobre a vida boêmia da época e falava sobre as maravilhas e tristezas de residir em Vitória, além críticas e ironias referentes à repressão da ditadura. Infelizmente, Carmélia morreu antes de completar seus 38 anos. O local possui uma grande memória geracional e o bairro onde está construído foi ocupado/invadido, por volta dos anos de 1936. O Teatro do local, José Carlos de Oliveira, comporta aproximadamente 360 pessoas e possui quatro camarins para os artistas, com uma sala disponível para ensaios. No projeto de reforma proposto para o centro cultural, no que se refere à estrutura externa e o telhado duas águas, ambos não serão modificados a fim de respeitar o tombamento histórico de nível II do local. Referente ao programa arquitetônico dos usos propostos, pensou-se mais nos usos para depois imaginar a arquitetura. Com o objetivo de remodelar o interior sem tocar na estrutura externa do edifício, deverá ser construído um anexo nas proximidades permitindo a expansão das atividades do novo centro cultural.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A inserção do Carmélia no conjunto urbano, possui além da fronteira com o “Tancredão” e a avenida, a fronteira dos fios de alta tensão, o que não é favorável para o local, além de impedir o edifício de se conectar diretamente aos principais eixos de tráfego, o que reduz toda a comunicação visual. Devido a sua localização, afasta o público mais do que os atrai. O pensamento de revitalização do lugar se torna uma questão mais complexa porque se baseia em dois elementos que “desapareceram”: o teatro, que desde 2012 não funciona e o edifício, que sofreu com alterações durante a sua transformação na década de 1980, o que nos faz questionar sobre o seu carácter original. Se a então composição arquitetônica serviu apenas para “faire valoir” e questões como: por que manter este Centro Cultural que faliu? Surgem. É importante compreender a relação complexa entre a comunidade artística que reside em Vitória e os órgãos políticos que administram a política cultural de outro lado. O encerramento do Carmélia é, acima de tudo, uma representação de uma opção política de reorientação de recursos com o advento da noção de rentabilidade. Na verdade, o teatro Carmélia era utilizado principalmente por artistas locais e era amplamente subsidiado. Em 2013, com a transição para uma nova gestão municipal, foi votado um novo plano decenal de política cultural (2014), prevendo também reformar o Teatro Carmélia, mas devido à complexidade do arranjo administrativo que conduzia o lugar (União, CONAB, Governo Estadual, Prefeitura etc.), o novo gestor municipal, perante os entraves políticos, decidiu abandonar o Centro Cultural Carmélia Maria de Souza. Este movimento de destruição pela inativação de um lugar cultural, não é recente: o desaparecimento do teatro Galpão e do Teatro SCAV no início da

década de 2010, demonstra a vontade de reduzir os custos financeiros sobre pequenas estruturas sem pensar a longo prazo.

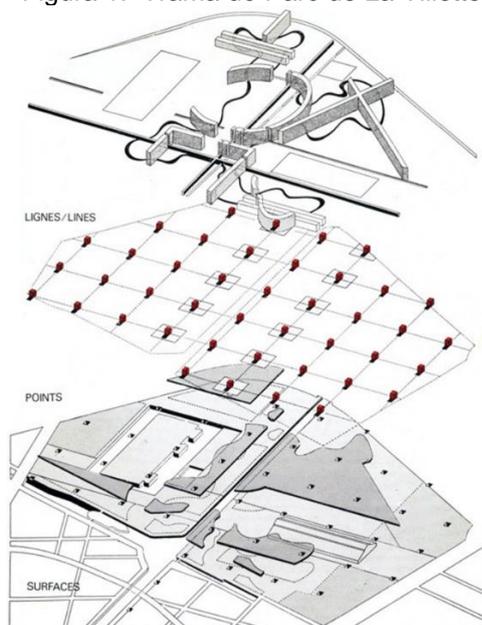
Sem investimento público direto, não haverá cultura, nem mesmo, por conseguinte, desenvolvimento da economia da cultura e, assim continua a perpetuar todo um sistema. Então, reinvestir na simples renovação de um espaço cultural faz sentido hoje, ainda mais com este município tão hostil à cultura? Resumindo, entre outros problemas, as paredes mofadas, infiltrações no teto, buracos na laje, instalações inadequadas e fios elétricos expostos com risco de incêndio, são preocupantes.

A acessibilidade é outro fator que deixa a desejar no espaço. Valendo ressaltar nesse âmbito, que o direito cultural teve o seu ápice em 1948 na Declaração dos Direitos Humanos e no Brasil, essa ideia foi concretizada com a Constituição de 1988. A proposta de cidadania cultural entende a cultura como direito de todos os cidadãos, o que inclui o público de pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida. Segundo a Norma Brasileira (NBR) nº 9050, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), acessível é o espaço, a edificação, o mobiliário, o equipamento urbano ou elemento que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa, inclusive aquela com mobilidade reduzida. No livro “Acessibilidade em espaços culturais: mediação e comunicação sensorial”, Sarraf (2015) afirma que: “se os espaços culturais brasileiros, em pleno século XXI, depois de quase 200 anos de trajetória, ainda não são preferências de acesso à cultura [...] podemos afirmar que precisam reavaliar sua atuação” (Sarraf, p.225, 2015).

Artistas e arquitetos fizeram protestos a favor da proteção e da reativação do Centro Cultural. A classe artística expusera as dificuldades de achar locais para ensaios e apresentações. De acordo com o Sindicato dos Artistas do Espírito Santo, a cidade de Vitória tem teatros, mas apenas poucos deles podem ser usados. Com base nessas análises, usando como referências arquitetônicas nomes como Bernard Tschumi em uma reinterpretação do conceito de superposição que ele aplicou na criação do projeto "Parc de La Villette" em Paris (Figura 1), e que tentamos transpor para a integração dos vários edifícios que compõem o local, mais particularmente no contexto de edifícios socioeducativos. Externamente usamos o trabalho conceitual de Louis Khan, com o uso de formas geométricas, sua simplicidade, universalismo e, finalmente, seu monumentalismo. Internamente, trabalhamos na integração da luz natural, na oposição de espaços para servir e ser servido e na importância da arquitetura “oca” com a onipresença do vazio como elemento construtivo. O centro de educação social pode ser visto como uma referência à Fisher House e à Biblioteca da Exeter Academy de Khan.

Como nos projetos de Louis Khan, há um desejo de que a forma imponha a função, e não o contrário. Somente a exigência climática está presente no desenvolvimento e no posicionamento dos edifícios em relação à luz e à sua propagação dentro dos edifícios: um foi projetado para atender às necessidades de toda a população, integrando os ambientes e complementando o exterior e o interior com a comunidade, oferecendo possibilidades de uso e interação para o público.

Figura 1: Trama do Parc de La Villette



Fonte: Archdaily.

3 METODOLOGIA

Em uma reunião com um líder da comunidade e uma representante da classe artística capixaba, notou-se certa divergência no desejo de adaptação e uso dos espaços, um sonha com um polo regional, enquanto o outro quer uma solução local, evidenciando não serem representantes do mesmo público. Devido a esse antagonismo, decidimos separar as atividades e edifícios: O centro cultural e o centro de exposições com um polo cênico com enfoque regional e o centro socioeducativo com enfoque local, procurando para o centro socioeducativo o uso formas simples, onde as fachadas conferem ao todo uma monumentalidade, integrando e criando uma harmonia com todo o ambiente disposto, cuja finalidade é de uma adequação do espaço existente com interesse de preservação do centro cultural Carmélia Maria de Souza e complementando as necessidades do local com anexos, criando uma composição que seja uma alternância entre os espaços cheios e espaços vazios, conectando esses edifícios ainda que o desnível presente no terreno não colabore, apropriando o espaço de forma que todas as atividades, cargos e funções se seu adequam, a fim de oferecer qualidade nos espaços de trabalho e nos serviços que ali serão prestados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As imagens e a descrição do projeto estão disponíveis no vídeo de apresentação no endereço eletrônico: < <https://www.youtube.com/watch?v=JoRok5OjMn8> >. Todas as imagens externas e desenhos técnicos do referido projeto, descrito a seguir, estão contidas no vídeo.

O acesso ao local, dá-se partindo da Avenida Dario Lourenço Souza e entrando para a rua José Bittencourt. A frente de onde situa-se a edificação do teatro Carmélia é resultado de aterro, cujo espaço era disposto de instalações que auxiliavam os navios na descarga de mercadorias e a abertura dos galpões era justamente para fins de transporte marítimo e auxílio no escoamento de produção. Depois da construção do

novo cais no centro da cidade de Vitória, o depósito se tornou obsoleto, pois seu uso era apenas ligado ao aspecto comercial. Ao longo dos anos, o ambiente passou por modificações e no ano de 1969 a CONDUSA (Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento), assumiu as obras de urbanização com um interesse do governo pelo aterro, para ocupação comercial pelo fato da proximidade com o porto de Vitória, onde depois viria estar ligada também com o acesso à segunda ponte.

Conforme nos apresenta Hoffmann (2009):

Em 1980 foi realizado aterramento, enrocamento e captação dos esgotos no trecho entre a ilha do Príncipe e o bairro Santo Antônio, no antigo cais do hidroavião; o objeto deste projeto, além de recuperar e urbanizar esta área, era o de sua comercialização. Este aterro recebeu a rodoviária de Vitória e com a sua finalização, a paisagem da cidade foi radicalmente transformada, a ilha do Príncipe deixou de ser ilha e passou a ter uma nova relação com o entorno” (Hoffmann, pág. 76, 2009).

Figura 2: vista aérea da Ilha do Príncipe para melhor compreensão do local antes do aterro.



Fonte: De olho na ilha – VIX, adaptado pelos autores.

Atualmente o local tem dois conjuntos ao sul, sendo estes o centro esportivo Tancredo Almeida Neves, conhecido popularmente como Tancredão e a Rodoviária. Ao Norte, situa-se a favela. No meio está localizado o galpão do centro cultural, rodeado pelo sambódromo e o clube náutico. O Centro Cultural Carmélia foi construído como um espaço fechado sobre si mesmo, com espaços amplos, dispendo em seu espaço teatro, cinema, salas de exposição entre outras atividades. Foi um espaço de referência para a cultura capixaba por décadas. A tipologia da edificação do centro cultural é considerada um armazém (comum em locais próximos de portos), composta por 3 antigos galpões industriais, antigos depósitos de café. Com registros de construção nos anos 1920, tem como característica a simplicidade da arquitetura colonial, uso de recursos como a linha e o plano, pé-direito duplo, deixando predominar a planta livre e a horizontalidade, possuindo um pavimento com mezanino, em uma área construída de aproximadamente 2.031,40m² (metros quadrados). O teatro italiano local leva o nome de José Carlos de Oliveira e a biblioteca homenageia o então poeta capixaba Audifax de Amorim.

Analisando bem as fotografias do local nos anos 60, percebe-se um local mais isolado, que não faz parte de um conjunto industrial e sem nada ao redor (nem casas nem o aterro, que foi feito nos anos 80). Ao ver o objeto de estudo, é possível observar que

o arquiteto que realizou intervenções no projeto, ampliou o isolamento do local - trazendo elementos arquitetônicos que não são muito favoráveis, fechando os dois lados mais importantes da construção em questão: a fachada sul e a fachada norte, além de quebrar a função das grandes portas de madeira do galpão, assim como a inserção do mezanino que acabou-se por deixar uma sensação de “esmagamento”, trazendo um pé direito duplo de 6 metros e depois, nada, conforme pode ser observado nas Figuras 4 e 5, respectivamente.

Figura 4: Edificação antes da reforma do teatro.



Fonte: SEDEC/GPU/CRU.

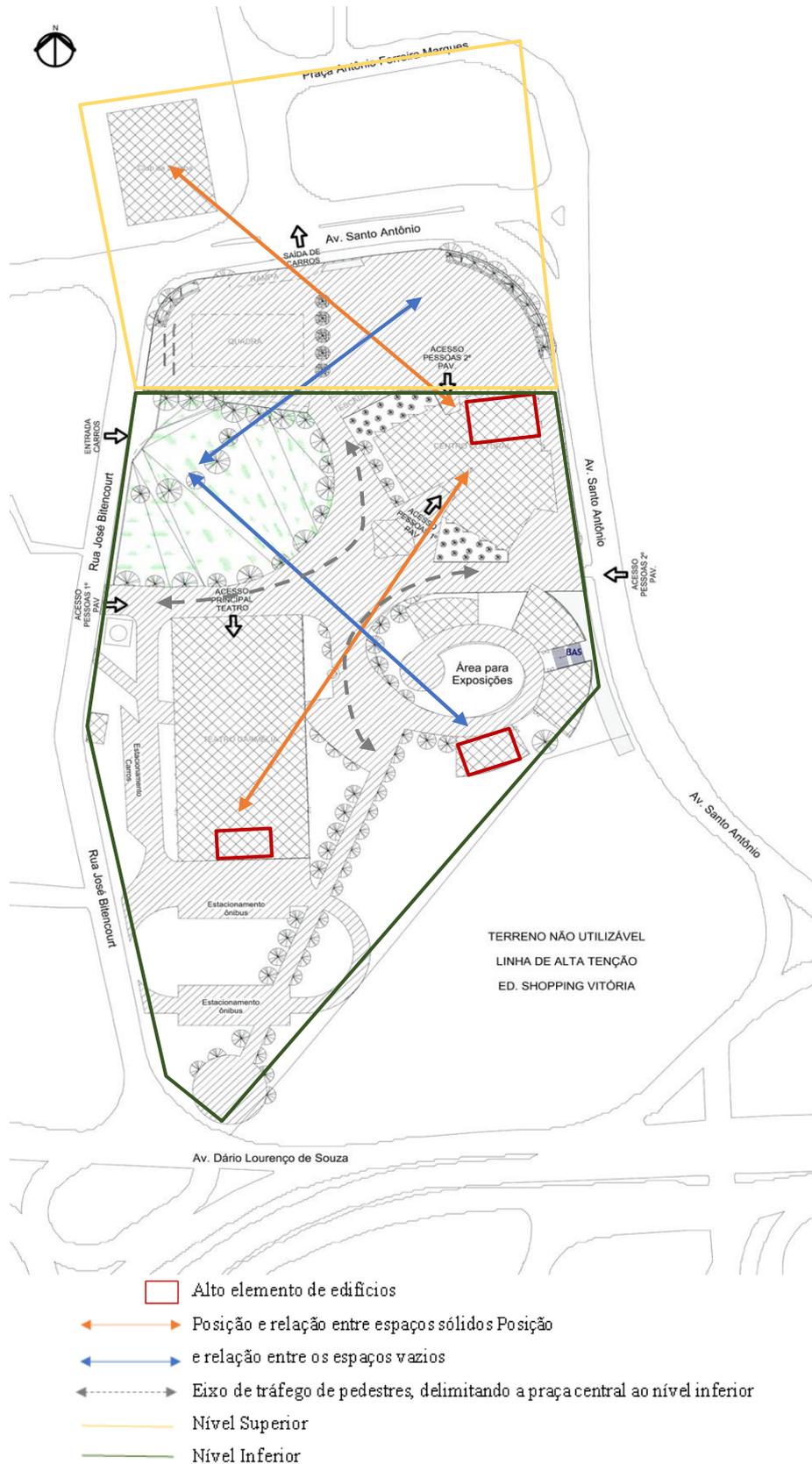
A isso, somam-se janelas horizontais que correm pelas laterais do edifício cobertas por brises em amianto, (claro que estes possuem a função de proteger o espaço da luz solar direta, mas que obstruem a visão e assim, amplificam a sensação de aprisionamento), adicionadas em uma das reformas que os galpões foram submetidos. O acesso passou a ser na lateral da edificação, protegido por uma marquise de estrutura metálica. Cada galpão possui cobertura de duas águas, a adaptação do conjunto para o novo uso foi projetada pelo arquiteto José Daher Filho.

Figura 5: Edificação depois das intervenções do arquiteto José Daher Filho.



Fonte: SEDEC/GPU/CRU.

Figura 6: Planta de situação do projeto do Centro Cultural.



Fonte: Acervo dos autores.

A maior mudança visual proposta vem da vontade de abrir o edifício para o exterior, optando por orientar nas laterais, o sentido das janelas para trazer verticalidade ao

todo. A tecnologia agora permite ter vidros de alta performance em termos de filtragem infravermelho, podendo evitar a instalação de brises, sendo mais possível que a luz natural entre no edifício. Este conjunto de janelas verticais deve trazer um ritmo que rompa com a monotonia presente neste tipo de fachada industrial.

Os usos principais propostos para o espaço, serão voltados para a educação com o setor de profissionalização, ampliação da área artística, com um espaço que produz e usufrui da arte e lazer ali gerado. A composição espacial do complexo é composta por dois níveis, o superior criando uma nova praça pública para os moradores locais e o inferior agrupando atividades culturais.

Para evitar a linearidade, a estrutura do plano se baseia em uma alternância entre espaços cheios e vazios, criando uma leitura do espaço por triangulação que gera linhas de força, representadas pela predominância das torres dos edifícios. O desnível do terreno separa os espaços, mas o edifício conecta os espaços culturais e o pequeno museu de exposições com a vizinhança por meio de escadas que ligam os níveis. É a triangulação que proporciona esse equilíbrio e dá vida e significado aos espaços vazios.

Os materiais propostos a serem utilizados tanto do centro de exposições, quanto do complexo educacional que possui uma estrutura retangular, devem ser aço, tijolo e placas cimentícias. Ambas as edificações possuem telhado verde e aproveitamento da água da chuva. O espaço do centro de exposições temporárias é aberto, a fim de aproveitar melhor a ambientação para exposições artísticas.

A estrutura do centro cultural Carmélia Maria de Souza, é feita em concreto e vedada por alvenaria de tijolos rebocados, pintada desde a sua restauração, de branco, assim como as portas duas folhas (antes de madeira, com a proposta, vidro), possuindo molduras em sua volta pintadas de amarelo.

Para o interior, foi proposto com o intuito de aumentar a capacidade necessária ao bom funcionamento comercial, a aplicação de uma modificação estrutural, substituindo os atuais pilares, por uma série de “portal frames” permitindo a instalação de mais de 500 lugares. Os recursos projetuais utilizados para o espaço do centro cultural, além dos citados acima, foram os seguintes:

- Abrir a fachada norte, que dá para o bairro, a comunidade. Esta fachada retoma assim a sua função original e será ao mesmo tempo a entrada principal do teatro integrando como elemento de circulação e ligação, um grande pátio interno descoberto;
- Posicionar uma série de janelas em duas fileiras verticais, conferindo a este conjunto, além de um contributo de luz e uma sensação de abertura para ao exterior, uma releitura da arquitetura colonial, estilo já presente de forma eclética nas fachadas norte e sul (alterando assim, a casca da edificação);
- Realizar uma modificação estrutural, substituindo os atuais pilares, por “portal frames”;
- Para o conforto visual no teatro, a plateia seguirá uma curva ascendente que melhora a visibilidade dos espectadores. Optou-se por reorientar nas laterais o sentido das janelas, a fim de trazer verticalidade.

- O café e o restaurante do Centro, terão faixas de usos em horários diferentes. As salas de aula para formação funcionarão o dia todo. Os artistas terão à sua disposição, duas salas perto da administração no mezanino, para criação/ensaio;
- A idealização de intervenção no edifício pré-existente foi por preservação da volumetria, da fachada (pois o mesmo passou pelo tombamento de nível II) e do teatro italiano ali existente, ampliando o espaço, modificando sua estrutura e adaptando às normas;
- Reorientação da circulação e reposicionamento da simetria;
- Inserção de aberturas na edificação, uma porta nos fundos, reorientando o centro cultural mais para a cidade, tornando-o mais visível;
- A flexibilidade do layout proposto se realiza juntamente ao desenho de todo o mobiliário, possibilitando alterações espaciais;
- Acessibilidade nos espaços, assim como adaptação dos banheiros e afins.

Se a função for diferente, a forma também deve ser. Assim, ao contrário do Centro cultural Carmélia, o centro socioeducativo é polimórfico, com suas formas entrelaçadas umas nas outras, resultantes de uma estrutura piramidal. O outro edifício proposto para o terreno no lado leste, foi nomeado como um Centro Socioeducativo, possuindo uma forma que mostra estabilidade e que se comunica com as construções que estão nos morros ao entorno, formando uma ligação entre o prédio e as edificações, desaparecendo na paisagem, fato este que, não deixa o local se destacar mais que o Centro Cultural, uma das principais premissas que colocamos para criar as novas volumetrias do projeto.

O edifício gira em torno de um equilíbrio com o espaço do entorno, sendo mais voltado para a população, que mantém todo o espaço sempre em uso. Só se utilizam formas primitivas no projeto, mas o envelope se assemelha de alguma forma ao estilo desconstrutivista, sem negar a contextualidade do lugar, mas pelo contrário, o integra. Dessa forma é criada uma harmonia por sobreposição: o Centro e suas múltiplas fachadas, as casas que compõem a favela e por último, os morros.

É esse conceito de fusão com elementos circundantes, que tentou-se desenvolver. Sua tridimensionalidade, em termos de sua forma e circulação interna, torna possível, além de sua funcionalidade, a ligação entre o bairro e o Centro Carmélia, com formas que se encaixam umas nas outras de maneira que não sejam totalmente retilíneas, formando uma espécie de simbiose entre o prédio e o entorno dele. O interior gira em torno de um eixo nodal horizontal e vertical, constituído por espaços livres que distribuem as salas de aula a cada nível. Essa organização radial exige que a pessoa alcance o centro do edifício para entender como funciona e assim, é possível ver uma analogia com o elemento natural, usando formas da natureza e a solução dela como um recurso para o projeto. O estacionamento fica ao norte do terreno, com uma estrutura de dupla função, sendo estacionamento na parte inferior, esplanada na parte superior, jogando assim com a inclinação do terreno. Com a criação da esplanada, triplicamos o espaço público no nível da Avenida Santo Antônio.

O anexo de exposições de arte de uso livre, fica mais a sudeste na implantação, possuindo uma composição marcante no local, sendo uma forma para turismo não convencional, sem as muitas salas e corredores dos grandes museus. Nomeado como

Centro de exposições temporárias Sebastião Salgado, é uma forma de homenagear o então premiado fotógrafo capixaba. O anexo é dividido em 4 blocos de exposições e um pequeno espelho d'água e jardim convidando o visitante.

A proposta é de aumentar a busca pela arte e a cultura com um ambiente de exposições de pequeno porte integrado, dando liberdade de escolha e mais opções de mostras artísticas para exposições no local, dispondo de anexos abertos e outros fechados, abrindo alas para todos os artistas, a começar com a comunidade, para que esta vincule e desperte o sentimento de pertencimento ao redor, criando pontos de memória e incentivo à arte local, respeitando as particularidades da população geral. O conjunto arquitetônico que compõe o espaço juntamente com o lago, cria um contraste entre o cheio e o vazio, a alternância do construído com o livre.

O espaço interno será aberto, todo branco, para melhor enfoque das obras, com portas que se conectam por passagens para as exposições temporárias dos outros blocos, além de um espaço aberto para exposições de monumentos ao ar livre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta alternância, que se encontra no anexo das exposições, encontra-se ao longo do conjunto, e é aqui que tentamos aplicar o pensamento de Bernard Tschumi de que: “Não há arquitetura sem evento, sem atividade, sem função. a arquitetura deve ser vista como a combinação de espaços, eventos e movimentos, sem precedência ou hierarquia entre esses termos”. Ao nosso ver, nosso projeto, como pode ser percebido, não se baseia apenas na valorização do teatro Carmélia, mas, para tentar integrá-lo num todo mais amplo e multidisciplinar, acreditamos que é misturando as diferentes camadas sociais que seremos capazes de perpetuar este tipo de espaço público, distinguindo os usos, para que cada pessoa possa se apropriar deles.

REFERÊNCIAS

HOFFMANN, Catharina. **Acolhimento na Atenção Básica: Navegações e Mergulhos nos Discursos e Práticas Produzidos no Cotidiano de uma Unidade de Saúde da Família**. UFES, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/noticias/centro-cultural-carmelia-e-tombado-como-patrimonio-pela-prefeitura-de-vitoria-41422>>. Acesso em: 05 maio de 2021.

SARRAF, Viviane Panelli. **Acessibilidade em espaços culturais: mediação e comunicação sensorial**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2015.

SEDEC/GPU/CRU. **Inventário Do Imóvel De Interesse De Preservação**. 2021.

TSCHUMI, Bernard. **Le Fresnoy-Studio national des arts contemporains**. Paris: M. Riposati. 1995.